

A IDENTIDADE DE UMA JAPONESA “RECÉM-CHEGADA”¹ AO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO

Yuki Mukai*

“Não viemos [para o Brasil] como imigrantes de navio durante quarenta dias como antigamente, não é mesmo? Hoje estamos na situação em que você pode viajar [para outro país] e repatriar na hora que quiser.” (depoimento no. 25, da informante na entrevista)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a identidade cultural de uma japonesa bilíngüe (japonês-português) que, casada com um brasileiro, mora no Brasil há cerca de doze anos. Verificamos que a informante está em processo de estabelecer uma nova identidade intercultural, flexível e estratégica, de acordo com a sua vivência, a qual difere tanto da identidade cultural dos japoneses monolíngües no Japão quanto da identidade dos nikkeis (imigrantes japoneses), inclusive *isseis* (primeira geração), que denominaram a si próprios *koronia* (colônia). Ou seja, o que a informante está construindo em termos de identidade cultural nacional é uma nova identidade peculiar no Brasil, que talvez nem os nikkeis no Brasil e nem os japoneses no Japão a possuam, ou seja, uma terceira cultura interacional, estratégica e identitária dos “japoneses recém-chegados (*newcomers*)” no Brasil.

Palavras-chave: Identidade cultural. Japonesa bilíngüe. Newcomer (recém-chegado). Nikkeis. Terceira cultura interacional.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the cultural identity of a Japanese bilingual woman (Japanese-Portuguese), who is married to a Brazilian and has been living in Brazil for about twelve years. We observed that the informant is in the process of establishing a new identity, with intercultural, flexible and strategic characteristics in accordance with her experience, which differs from the cultural identity of monolingual Japanese in Japan, from that of the nikkei (Japanese immigrants), and also from that of the *isseis* (first generation of Japanese immigrants born in Brazil), who called themselves *koronia* (Japanese immigrant colony). In other words, what the informant is constructing in terms of a national cultural identity is a new and peculiar identity in Brazil, which possibly neither nikkei in Brazil nor monolingual Japanese in Japan possess, i.e., a third culture, with interactive, strategic and identifiable characteristics that Japanese newcomers are creating in Brazil.

Keywords: Cultural identity. Bilingual Japanese. Newcomers. *Nikkeis*.

¹ Neste estudo, utilizaremos a palavra “recém-chegado” com o significado daquele que chegou do Japão ao Brasil no máximo, nos últimos 15 anos, só para diferenciar dos imigrantes japoneses (*issei*) que vieram ao Brasil através do acordo de imigração entre Japão e Brasil, e seus descendentes que nasceram e cresceram no Brasil.

* Professor efetivo do Curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB), e atualmente doutorando na área de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a identidade cultural de uma japonesa bilíngüe (japonês-português) que, casada com um brasileiro, mora no Brasil há cerca de doze anos (cf. seção 4.1).

Hoje, no Brasil, na área de bilingüismo sobre *nikkei* (imigrantes japoneses e descendentes), tem-se refletido freqüentemente sobre a comunidade, as línguas - com enfoque no fenômeno de mudança de código (DOI, 2007; DOI, MORI e MORALES, 2003; KANASHIRO, 2001, 2003; KUYAMA, 2000, 2001; MASE, 1987; MATSUBARA, 2002; NAWA, 1988; OTA e GARDENAL, 2005; TAKANO, 2002) - e a identidade dos *nikkeis* no Brasil, talvez porque a comunidade já possua muitos descendentes e uma longa história, devido ao fato de que este ano (2008) marca o centenário de imigração japonesa² no Brasil.

No entanto, raramente tem-se abordado, na literatura, a identidade cultural dos japoneses “recém-chegados” no Brasil, isto é, os *newcomers* que já vivem aqui durante um período relativamente longo. Este estudo preliminar visa, então, discutir a identidade cultural de um japonês que possui os pré-requisitos de nossa pesquisa, no que diz respeito ao critério da seleção de informante: 1. um(a) japonês(a) “recém-chegado(a)” que mora no Brasil há mais de cinco anos e menos de quinze anos; 2. por enquanto, não tem previsão de voltar definitivamente para sua terra natal – o Japão.

Como procedimento, aplicamos uma entrevista semi-estruturada (ver anexo) à informante, com o intuito de verificar e analisar a sua identidade cultural. Selecionamos apenas uma informante, exatamente porque este estudo é de caso e ainda preliminar.

Neste trabalho, primeiramente veremos, de forma sucinta, o conceito de bilingüismo, identidade cultural e *nikkei*, para que depois, possamos refletir sobre a relação entre esses três conceitos da informante.

² A imigração japonesa no Brasil começou no início do séc. XX, como um acordo entre o governo japonês e o brasileiro. Os primeiros imigrantes deixaram o porto de Kobe em 28 de abril de 1908 e chegaram no porto de Santos em 18 de junho de 1908, no navio Kasatomaru,. (TOZZI, 2007).

1 Conceito de bilingüismo (individual) e identidade (cultural)

Nesta seção, veremos o conceito de bilingüismo e identidade cultural, uma vez que abordaremos a construção da identidade cultural de um sujeito bilíngüe (japonês-português). Portanto, desde já deixaremos claro que, neste estudo, daremos mais enfoque ao bilingüismo de caráter individual do que ao bilingüismo social.³

Em relação ao conceito de bilingüismo (individual), há duas posições distintas na literatura: 1. “*the native-like control of two languages* (o controle de duas línguas como nativo)” (BLOOMFIELD, 1933, p.56); 2. “*the speaker of one language can produce complete meaningful utterances in the other language* (o falante de uma língua pode produzir enunciados significantes completos em outra língua)” (HAUGEN, 1953, p.7) (tradução nossa).

A primeira visão é comumente criticada (embora seja mais popular para leigos) porque, na realidade, além de não existir um bilíngüe perfeito e ideal, é muito difícil e complexo medir e comprovar que a habilidade de uma língua de um sujeito é idêntica à de outra língua.

Já a segunda visão é mais real e próxima do conceito apresentado por Grosjean (1982), que vê o bilingüismo como um sujeito que consegue cumprir um objetivo comunicativo em L2 (sem ser a sua língua materna) dentro de diversos contextos cotidianos.

Azuma (2000, p.14) apóia essa segunda visão, ressaltando o fato de que

o bilingüismo não é uma ocorrência estática como o ponto de chegada (sabendo controlar duas línguas perfeitamente), mas sim uma ocorrência dinâmica que possui diversas variações, [...] tais como a idade, situação da aquisição de língua (escola/família), funções da língua, habilidade de uso da língua, atitude com relação à língua etc.” (tradução nossa).

³ Hamers e Blanc (1992, p. 6) distinguem o bilingüismo em duas modalidades: a bilingüidade (*bilinguality*) e o bilingüismo (*bilingualism*). A primeira se refere a “um estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código lingüístico, como meio de comunicação social”. Já o bilingüismo (*bilingualism*) “inclui aquilo da bilingüidade (ou bilingüismo individual), mas se refere, ao mesmo tempo, ao estado de uma comunidade lingüística na qual duas línguas estão em contato com o resultado de que dois códigos podem ser utilizados na mesma interação e que a maioria dos indivíduos é bilíngüe (bilingüismo societário) (*societal bilingualism*)” (tradução nossa).

Vale apresentar, aqui, a definição de bilingüismo (individual) proposta por Maher (2007a, p. 73):

O bilíngüe – não o idealizado, mas o de verdade – não exhibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas.

É interessante observar que Maher (2007a) considera o conceito de bilingüismo não apenas do ponto de vista de uma única dimensão, isto é, a dimensão lingüística, mas também de uma dimensão não-lingüística (a história pessoal, exigências de sua comunidade de fala etc.).

Hamers e Blanc (1992, p.7-9), que vêem o bilingüismo individual como Maher, afirmam que esse bilingüismo deve ser considerado à luz multidimensional. Embora eles apresentem seis dimensões⁴ do bilingüismo individual, aqui nos referimos apenas a uma que interessa ao nosso estudo: a identidade cultural. Os mencionados autores dividem-na, ainda, em quatro subcategorias: 1. bilingüidade bicultural; 2. bilingüidade monocultural de L1; 3. bilingüidade aculturada de L2; 4. bilingüidade desculturada.

Segundo Hamers e Blanc (1992, p.11), quando um bilíngüe se identificar de forma positiva com os dois grupos culturais que falam sua língua e for reconhecido por cada grupo como membro, o sujeito será *bicultural*. Quando um sujeito se tornar bilíngüe fluente enquanto se mantendo monocultural e se identificando apenas com um dos grupos, o sujeito será *monocultural*. Quando um sujeito abandonar a identidade cultural do grupo de sua língua materna e adotar a do grupo de L2, o sujeito será bilíngüe *aculturado* de L2. E, finalmente, quando um bilíngüe abandonar sua própria identidade cultural e deixar de se identificar com o grupo cultural da L2, o sujeito tornar-se-á *desculturado*.

Essas dimensões parecem úteis se considerarmos que existem duas culturas e duas identidades independentes, fixas e estáveis, respectivamente. Maher (2007a, p.88), no entanto, ressalta o fato de que “as culturas não são

⁴ As seis dimensões a que Hamers e Blanc (1992, p. 8-9) se referem são: *relative competence, cognitive organization, age of acquisition, exogeneity, social cultural status* e *cultural identity*.

monolíticas e estáticas”, e as identidades culturais são permeáveis e não são uniformes nem fixas. Cuche (2002) apresenta o conceito de cultura como segue:

(...) se as culturas não são fixas, não unas, elas tampouco são irredutíveis. Muito pelo contrário: as culturas são absolutamente permeáveis umas às outras. E isso vale para todas: não é como se houvesse, de um lado, culturas ‘puras’ e, de outro, culturas ‘já contaminadas’, culturas ‘mestiças’ (CUCHE, 2002 *apud* MAHER, 2007b, p. 263).

Em outras palavras, quando uma cultura se encontra com outra, não é que existem duas culturas distintas paralelamente como justaposição, ou seja, como a noção de biculturalismo de Hamers e Blanc (1992), mas sim como o fenômeno de interpenetração de culturas. Ou seja, como a noção de interculturalidade que cria “uma terceira cultura interacional, revelando o caráter intercultural de identidade de um sujeito” (MAHER, 2007a, p. 90).

Em relação ao conceito de identidade propriamente dita, Woodward (2000, p. 39-40) advoga:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença (grifo da autora).

Segundo a teórica (2000, p.40), as diferenças simbólicas e sociais são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios, tais como nós/eles, eu/outro etc. Essa visão teórica é semelhante à de Silva (2000, p.75-76), que afirma: “a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença”. Assim, podemos dizer que as duas noções em questão estão interdependentes, no entanto é a noção de diferença que se configura como alicerce de construção da identidade.

Quanto às características de identidade, Hall (2006, p.13) afirma: “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, e ela “sempre permanece incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.” Já Woodward (2000, p.14) enfatiza que as “identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas”. Nota-se que essas noções de identidade são semelhantes à concepção de cultura de Cuche, vista há pouco.

Hall (2006) afirma que o que está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais é a globalização⁵. Isso porque “a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2000, p.20). Ou seja, é o fenômeno da globalização que subverte aquela visão antiga como a do sujeito do Iluminismo, na qual a cultura e a identidade são fixas, unificadas e estáveis, respectivamente.

Podemos afirmar, então, que as mudanças sociais e globais na pós-modernidade contribuíram e estão contribuindo para os fenômenos crescentes de deslocamento⁶.

Nesta seção, vimos os conceitos de bilingüismo e identidade cultural, os quais serão imprescindíveis para nossa análise de um sujeito bilíngüe que vive no contexto intercultural. Veremos, na seção a seguir, outro conceito-chave para este estudo, o de *nikkei*.

2 Conceito de *nikkei* e sua identidade cultural

O Brasil é o país que tem a maior colônia nipônica do mundo e, atualmente, nele existem aproximadamente 1,5 milhão de japoneses e descendentes, dos quais um milhão vive em São Paulo⁷.

Devido a esse fenômeno migratório, hoje se ouvem (especialmente em São Paulo, por causa da maior concentração da colônia), comumente, as palavras *nikkei* (quanto à definição, ver adiante), *issei* (japoneses de primeira geração, nascidos no Japão), *nissei* (filhos de japoneses), *sansei* (netos de japoneses) e *yonsei* (bisnetos de japoneses).

Vale observar que Iwaki (2006, p.128-129) subdivide a categoria de

⁵ Burity (2001), por sua vez, afirma que a “globalização introduz um **terceiro** na relação entre o local e o nacional, o local e o regional, o regional e o nacional que interrompe o fluxo linear de relações e comunicação onde estas polaridades se desenvolviam até vinte anos atrás, reguladas pela unidade do estado-nação e pela repartição territorial das trocas econômicas, políticas e culturais”. (grifo do autor)

⁶ Segundo Woodward (2000, p. 29), foi Ernest Laclau (1990) quem introduziu esse termo no sentido de que as sociedades modernas “não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve um deslocamento dos centros”.

⁷ <http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/i_minami/aup363-2007.htm> Acesso em 05 nov. 2007.

issei e *nissei* como segue:

- I a <*issei seijin imin* (*issei* imigrante-adulto)>: aquele que nasceu no Japão e tinha mais de 13 anos ao chegar ao Brasil;
- I b <*issei kodomo imin*⁸ (*issei* imigrante-criança)>: aquele que nasceu no Japão e tinha menos de 12 anos ao chegar ao Brasil;
- II a <*senzen umare no nissei* (*nissei* nascido antes da Segunda Guerra Mundial)>: aquele que nasceu antes da década de 1930, cujos pais são *isseis*;
- II b <*sengo umare no nissei* (*nissei* nascido após a Segunda Guerra Mundial)>: aquele que nasceu depois da década de 1940, cujos pais são *isseis*.

(tradução nossa)

Quanto à categoria de I a e I b acima, a pesquisadora separou o imigrante-adulto do imigrante-criança, com base no fato histórico de que o governo do Estado de São Paulo exigira, dos japoneses que queriam imigrar para o Brasil, uma condição segundo a qual eles podiam imigrar na forma de “imigração familiar (*kazoku imin*) composta de mais de três membros com acima de 12 anos”.⁹ (IWAKI, 2006, p. 134).

Veremos, agora, dois conceitos distintos quanto ao termo *nikkei*:

1. “descendentes de japoneses a partir da segunda geração (*nissei*), que vivem fora do Japão” (NAKAJIMA, 2007, p.148, tradução nossa), ou seja, “todas as gerações *nascidas no Brasil*” (LESSER, 2001, p.256, grifo nosso);
2. “imigrantes japoneses e seus descendentes” (DOI, 2007, p.243)¹⁰ (artigo publicado no Brasil), ou seja, “todas as pessoas de ascendência japonesa nas Américas” (LESSER, 2001, p.226)¹¹.

⁸ De acordo com Iwaki (2006, p. 128), os imigrantes dessa categoria são denominados, também, “*jun nissei* (semi-*nissei*)”.

⁹ Segundo Iwaki (Ibid., p. 134), essa condição foi estabelecida pelo Estado de São Paulo (que necessitava de mão-de-obra devido ao fim da escravidão) na época, para que os imigrantes japoneses permanecessem nas fazendas de café. Se a família não conseguisse cumprir essa condição, poderia incluir irmão/irmã, sobrinho/sobrinha, vizinho e/ou até uma pessoa com quem não tivesse relação consanguínea, e essa forma de família foi chamada de “família composta (*kôsei kazoku*)”.

¹⁰ Quanto à definição do termo *nikkei*, Kuyama (2001) também possui a mesma posição teórica que Doi (2007).

¹¹ Segundo Lesser (2001, p. 226), durante “o Congresso Pan-Americano Nikkei, realizado em São Paulo, em 1985, ‘nikkei’ foi formalmente adotado como designação para todas as pessoas de ascendência japonesa nas Américas”.

Percebe-se que há uma diferença nítida entre esses dois conceitos: o primeiro não inclui quem imigrou, isto é, *isseis* (japoneses de primeira geração), enquanto o segundo os inclui. Essa diferença parece insignificante e sutil, mas é de suma importância, porque essa categorização faz parte da identidade cultural dos imigrantes japoneses e descendentes e, em princípio, dos japoneses “recém-chegados (*newcomers*)”, e contribui para a sua construção.

Neste estudo, optamos pela segunda posição de Doi, definida de forma mais abrangente, se comparada à primeira, pois parece mais adequada diante do contexto no qual o Brasil abriga a maior comunidade de imigrantes japoneses do mundo. Em outras palavras, é questionável se vale a pena excluir os *isseis* (japoneses de primeira geração) do conceito de *nikkei*, porque, antes de mais nada, essa questão de se considerar como *nikkei* ou japonês está ligada intimamente à identidade cultural nacional construída pela história de cada migrante e cada país.

De fato, hoje, a globalização facilita o deslocamento não apenas físico, mas também o deslocamento identitário de migrantes. Em outras palavras, graças à globalização, ficou fácil de “emigrar” e “imigrar”, deixando as identidades desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicas (HALL, 2006).

Dentro desse contexto mais global, podemos dizer que o motivo de migração ajuda a construir a identidade cultural nacional de migrantes, se eles se consideram como *nikkeis* ou japoneses, por exemplo.

Conforme Lesser (2001), além do motivo de migração, há outro fator que ajuda a construir a identidade cultural de migrantes: é a “linguagem de autodefinição”. Em relação ao uso original do termo *nissei* no Brasil, o autor afirma:

[...] durante toda a década de 1920, a maior parte dos *nikkeis* se auto-denominava “japonesa”, replicando a terminologia usada pela maioria. No entanto, após alguns nipo-brasileiros terem tido a oportunidade de se encontrar com nipo-[norte]americanos, o termo *nissei* (literalmente, segunda geração) passou a ser usado para distinguir os nascidos no Brasil dos imigrantes (LESSER, 2001, p.226).

Nota-se que o termo *nissei* começou a ser utilizado originalmente para distinguir os nascidos no Brasil, dos imigrantes, isto é, daqueles nascidos no Japão (*isseis*). Lesser (*op. cit.*), ainda, descreve que, na década de 1940,

o termo *nikkei* passou a distinguir os nipo-brasileiros, da geração imigrante. Ou seja, esse ato de autodefinir-se foi importante e significativo, para que os nascidos no Brasil construíssem a sua própria etnicidade e identidade cultural “nipo-brasileira”.

Em relação à identidade cultural dos *nisseis*, Lesser (2001, p.231) cita um editorial publicado em São Paulo, no primeiro número da revista *Transição*:

Nós, brasileiros filhos de japoneses, somos uma transição. Transição entre aquilo que foi e aquilo que está. Transição entre o Oriente e o Ocidente ... (...) A harmonização de duas civilizações, aparentemente, antagônicas (*Transição*, 1:1, jun. 1939, p.5, *apud* LESSER, 2001, p.231).

É interessante observar que essa posição identitária dos *nisseis* considera a si mesmos como brasileiros (“Nós, brasileiros”) e, ao mesmo tempo, se situa como “uma transição” entre o Japão e o Brasil.

Em relação à identidade cultural dos *isseis*, Mori (2006, p.24) explana que, no período de segunda metade da década de 1950 até a primeira metade da década de 1960, começou a análise de uma nova identidade dos “japoneses no Brasil”, condicionados à permanência no Brasil. Segundo o pesquisador, nessa época os *isseis* imigrantes japoneses denominaram a si mesmos “*koronia* (colônia)” ou “*koronia jin* (membro da colônia)”, ou seja, optaram por essa denominação, de forma estratégica, como símbolo de sua identidade ética e cultural. No que se refere a essa nova identidade dos *isseis*, Mori (*op. cit.*) considera como segue:

Esta nova identidade [dos *isseis* imigrantes japoneses] foi construída pelo processo de diferenciação dupla, ou seja, por um lado, através da diferenciação de si próprios dos “japoneses no Japão”, por outro lado, através da diferenciação dos brasileiros em geral. Através dessa nova identidade, eles tentaram se situar como “membro legítimo da sociedade brasileira” que possuem “os pais brasileiros” (MORI, 2006, p.24, tradução nossa).

Nota-se que os *nisseis* tentaram se diferenciar dos *isseis* imigrantes japoneses, enquanto os *isseis*, de forma geral, tentaram se diferenciar dos japoneses na pátria e dos brasileiros no local, para que tanto *isseis* quanto *nisseis* pudessem estabelecer sua própria identidade étnica e cultural, criando “uma

terceira cultura interacional” (MAHER, 2007a, p. 90), ou seja, introduzindo “um terceiro na relação entre o local [Brasil] e o nacional [Japão]” (BURITY, 2001) (palavras entre colchetes nossas).

A identidade cultural de “*koronia* (colônia)” dos *isseis* é, enfim, um produto que resultou do processo de diferenciação dupla, pelos mesmos construída, de uma maneira estratégica. Já a identidade cultural dos *nisseis* se encontra em uma transição entre o local e o pátrio, fato esse que mostra que a identidade não é um fator definido, mas sim dinâmico.

Enfim, todas essas manifestações tanto lingüísticas quanto ideológicas dos imigrantes japoneses e seus descendentes têm ajudado a construir a sua respectiva identidade étnica e cultural na comunidade “*nikkei*” no Brasil.

3 Metodologia

Como já mencionamos na introdução, o maior objetivo desta pesquisa é o de analisar a identidade cultural de uma japonesa bilíngüe (japonês-português) que, casada com um brasileiro, mora no Brasil há mais de doze anos.

Este estudo é de caso, ainda preliminar e de natureza qualitativa. Portanto, para esta análise, selecionamos apenas uma informante, que possui os pré-requisitos indicados na parte introdutória deste texto.

Como procedimento de pesquisa, aplicamos à informante uma entrevista¹² semi-estruturada com 25 perguntas planejadas de antemão (ver anexo), com o intuito de verificar e analisar a identidade cultural da mesma. Pedimos-lhe, antecipadamente, licença para gravação da entrevista e registramos o diálogo ocorrido entre o entrevistador (eu) e a informante, utilizando um aparelho digital pequeno que permite armazenar o nosso diálogo diretamente no formato de MP3 (*MPEG 1 Layer-3*)¹³, que abre no computador. Esse tipo de gravação facilitou não apenas o nosso trabalho de transcrição, mas também a maneira de salvar o arquivo digitalizado no computador.

Nesta análise, discutiremos a identidade cultural da informante, com enfoque nas perguntas números. 8, 13, 15, 23 e 24, em virtude do limite de espaço deste artigo.

¹² A entrevista foi realizada em 08 de novembro de 2007 e a sua duração foi de 1 hora e 30 minutos.

¹³ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/MP3>> Acesso em: 25 nov. 2007.

No diálogo entre o entrevistador (E) e a informante (I) foi utilizada a língua japonesa. Vale notar as observações a seguir: 1. O diálogo foi traduzido para o português por mim. A tradução é fiel ao conteúdo, no entanto, para não atrapalhar a leitura, na transcrição omitimos *fillers* vistos nos enunciados da informante. 2. As palavras ou frases que a informante enunciou em português estão em itálico e com aspas, ao mesmo tempo. As palavras/frases apenas com aspas ou em itálico (mas sem aspas) foram enunciadas, originalmente, em japonês. 3. As palavras/frases entre colchetes foram introduzidas por mim, levando em consideração o contexto, para ajudar o leitor a compreender melhor o fluxo das falas. 4. Para chamar a atenção do leitor, colocamos sublinhas para algumas palavras/frases.

3.1 Informações básicas da informante

A informante é uma mulher japonesa (sua língua materna é a língua japonesa), nascida na província de Shizuoka em 1963 (45 anos). Casada com um brasileiro, mora com seu marido e filho de 10 anos. Veio para o Brasil em 1994, com 31 anos, porque se casou com seu marido atual. Voltou para o Japão temporariamente e ficou lá durante meio ano em 1998, e dois anos no período de 2001 até 2003. O seu tempo total de permanência no Brasil até hoje (junho de 2008) é de 12 anos. Ainda, ela morou na Inglaterra durante três anos, no período de 1987 até 1990 (segundo os depoimentos números 1 a 5 e 18, da informante).

3.2 Depoimentos e análise

Observa-se, no depoimento número. 8¹⁴ (ver adiante), que a informante tem uma postura firme em relação à sua identidade nacional (cf. “Eu me considero só como japonesa.”). Vale notar que ela está analisando sua identidade, também, do ponto de vista da sociedade brasileira (cf. “Acho que as pessoas me consideram como *nikkei*.”) ([os brasileiros] “acham que acabei imigrando, certo?”) (“Se alguém me perguntar sobre a geração, não tenho outra alternativa senão dizer que sou *issei* do ponto de vista da categorização brasileira.”). Lembrando, vimos, na seção 3, que a diferenciação em termos de linguagem tem ajudado os imigrantes japoneses e descendentes a construir a identidade étnica e cultural da respectiva geração na comunidade “*nikkei*” no Brasil.

¹⁴ Este número corresponde ao número do questionário (Anexo).

No.8 Agora, você se considera como brasileira, japonesa ou *nikkei* (imigrante japonesa)? Por quê?

I: Eu me considero só como japonesa. (...) Só porque você morou em outro país, será que a sua nacionalidade vai mudar de repente?

E: Você não se considera nem como *nikkei*?

I: Não. Porém, acho que as pessoas me consideram como *nikkei*.

E: Você ainda se considera como japonesa, então?

I: Não tem como mudar [a minha nacionalidade], não acha?

E: Você mesma não acha que imigrou para o Brasil?

I: Não sinto que vim para o Brasil como imigrante, mas [os brasileiros] acham que acabei imigrando, certo? (...) Por isso, depois de passar alguns anos, quando minha mãe falecer, por exemplo, pode ser que eu ache: “ah, eu imigrei”.

E: Você se considera como *issei*?

I: Isso é a diferença de “*percepção*” [entre os japoneses e os brasileiros]. (...) Teoricamente falando, talvez eu seja *issei*, mas, por exemplo, imagine que alguém está indo para os EUA hoje. Será que o chamam de *issei*? Creio que não. (...) Portanto, essa maneira de chamar de *issei* ou *nissei* é tão brasileira (...) que sinto que só o Brasil se preocupa com a denominação de *issei*, *nissei* etc. (...) Acho que isso [essa categorização] é importante entre os *nikkeis*, ou seja, os japoneses que vieram para cá [o Brasil] como imigrantes. Pode ser que seja uma marcação para eles. (...) Se alguém me perguntar sobre a geração, não tenho outra alternativa senão dizer que sou *issei* do ponto de vista da “categorização brasileira”. Mas, na verdade, do ponto de vista da categorização mais universal, nós [a informante e o entrevistador] somos japoneses, não?

E: Enfim, o que está deixando nos achar que não somos *nikkeis*, brasileiros, nem imigrantes?

I: Isso pode ser que seja o motivo pelo qual você está vivendo aqui.

E: Para quem imigrou, o motivo seria residência permanente?

I: É isso mesmo. [Quem imigrou] tenta se radicar nesse país, não é? (...) tanto no seu caso [de entrevistador] quanto no meu caso, não sabemos o que vai acontecer no futuro. (...) Parece que estou com um pé só no Brasil.

Apesar de a informante se considerar japonesa, admite que a sociedade brasileira a vê como *nikkei* e/ou *issei*, ou seja, no interior da informante existem duas visões em relação a sua identidade cultural: sua própria identidade cultural (mais sentimental) e a identidade imposta pela sociedade brasileira.

Em relação à diferença de *status* entre imigrante e não-imigrante, a informante considera que isso se deve ao “motivo” da vinda para o Brasil. É interessante observar que, apesar de ser casada com um brasileiro e ter um

filho, a informante não se vê como *nikkei* e nem espera ser considerada como *issei*, devido ao fato de que não pretende morar aqui no Brasil para sempre (cf. “Parece que estou com um pé só no Brasil”). Ou seja, a informante ainda tem uma forte ligação sentimental com sua pátria e sua família japonesa, razão pela qual pensa que sua residência no Brasil não é permanente.

No. 13 Você tem vontade de voltar para o Japão? Por que sim, ou por que não?

I: Isso depende da situação. A questão não é de querer voltar, mas acho que vou voltar para o Japão [definitivamente]. (...) Estou achando que vou voltar independentemente da minha intenção. (...) Se pensar na minha família, na casa que minha família vai deixar, não posso deixar de achar que tenho que tomar conta da casa.

Apesar dessa postura identitária mais firme da informante (cf. depoimento número. 13), em relação à sua identidade cultural, do ponto de vista mais sentimental ela afirma:

No. 8 (continuação)

I: Do ponto de vista sentimental, seria diferente. Isso depende daquilo: por exemplo, se você é casada e se dá muito bem com seu marido [brasileiro], você vai achar que vai querer se radicar neste país. (...) Acho que eu fiz o mestrado, porque tentei estabelecer a minha identidade, como eu não a possuía neste país. (...) Falando da razão por que fiz o mestrado, provavelmente queria uma referência deste país, ou seja, uma ligação [entre a informante e o Brasil]. (...) No meu caso, não me graduei aqui, e, além disso, quando vim para cá pela primeira vez, trabalhei num órgão do governo japonês que parece uma sociedade meio-japonesa. (...) Como é que posso dizer... tinha vontade de ver o mundo de fora, ou seja, o Brasil de verdade. (...) Como não conhecia este país, queria conhecer [mais], ou seja, tinha tal curiosidade.

Nota-se que a informante tentou “estabelecer” a sua identidade cultural no Brasil, ou seja, tentou se radicar no Brasil, confessando que queria uma ligação identitária entre ela e este país. A mesma conclui, em uma auto-análise: “Tinha vontade de ver o mundo de fora, ou seja, o Brasil de verdade”.

É possível verificar que as suas identidades culturais são permeáveis e não são uniformes nem fixas, embora a informante tenha afirmado que se considera só como japonesa (cf. depoimento número 8). É possível interpretar, também, que a identidade cultural da informante é diferente da dos *isseis*, explanada por Mori (2006), porque a informante não tentou denominar a si

mesma de “*koronia* (colônia)”, e nem tentou se diferenciar dos japoneses no Japão.

Para podermos entender, de forma mais profunda, a identidade cultural da informante, vejamos agora o depoimento número 10:

No. 10 Quais são as diferenças entre japoneses e *nikkeis*?

I: Os japoneses são fundamentalmente diferentes dos *nikkeis*.

E: São fundamentalmente diferentes?

I: Os *nikkeis* são brasileiros, não é mesmo? Ou seja, são brasileiros que têm sangue japonês. Seja brasileiro seja americano, (...) [os *nikkeis*] são aqueles que possuem os antepassados japoneses.

I: Os brasileiros não sabem a diferença entre “*eu sou japonês*” e “*eu sou nikkei*”. (...) Por exemplo, eles [os brasileiros] dizem: “*você é japonês*”. Acho que eles que usam [a palavra “*japonês*”] não sabem se essa palavra se refere a *nikkei* ou japonês. (...) Para os brasileiros, se o rosto e corpo parecem orientais, ele é japonês, seja *nikkei* ou japonês. A questão é por aí. (...)

I: Como o Sr. X [japonês], o fato de não poder “entrar” na comunidade *nikkei* demonstra o reconhecimento de *gap* [diferença entre a comunidade japonesa e a *nikkei*]. (...) Por isso, tenho medo.

E: Tem medo?

I: Como se diz..., me dá medo o fato de construir “um” grupo só porque somos iguais aparentemente em termos de povo e raça. (...) acho que a sociedade *nikkei* também é a sociedade brasileira, na verdade. (...) Por isso, como se diz..., este fato é estranho, mas é um medo. Nós [japoneses e *nikkeis*] temos características parecidas, mas se eu me aproximar [de *nikkeis*], as diferenças deles, para minha surpresa, me chocam. (...) Enfim, acho que isso é choque cultural. Eles são muito diferentes de nós. Por exemplo, é possível imaginar a reação do Sr. X [japonês], (...) porque existem estereótipos. Mas, a reação [dos *nikkeis*] é totalmente diferente. (...) Quer dizer, é fora do padrão.

E: É fora do padrão dos japoneses [no Japão]?

I: Isso mesmo. (...) Eles agem contra minhas expectativas.

Percebe-se que a informante considera que os japoneses são diferentes dos *nikkeis*, porque, para ela, os *nikkeis* são brasileiros e seus comportamentos são tão diferentes que a informante nem pode imaginá-los. Isso lhe causou um “choque cultural” no Brasil.

Como vimos na seção 2, a identidade é marcada pela diferença, e depende, também, da diferença. No caso da informante, mesmo que os japoneses

e os *nikkeis* sejam iguais aparentemente em termos físicos, o comportamento e a reação dos *nikkeis* fizeram com que ela percebesse uma diferença étnica e cultural, o que a levou a considerar que os *nikkeis* são brasileiros e são diferentes dos japoneses, inclusive dos japoneses “recém-chegados”. É interessante observar, também, que a informante se incomoda com a visão geral dos brasileiros: “Os brasileiros não sabem a diferença entre ‘*eu sou japonês*’ e ‘*eu sou nikkei*’.”

Até agora, vimos que a informante sente uma diferença étnica e cultural entre os japoneses e *nikkeis*, ou seja, a mesma diferencia-se dos *nikkeis* para “manter” sua própria identidade cultural como “japonesa (*newcomer*)”.

Com o intuito de verificar como a informante está se sentindo em relação à sociedade brasileira e ao país Brasil, fizemos a ela as perguntas números 15 e 24.

No. 15 Entre a sociedade brasileira e a japonesa, em qual das duas você se sente melhor? Por que sim, ou por que não?

I: Para mim, tanto faz. Se eu ficar no Brasil, vou viver como brasileira, e se eu estiver no Japão, vou conseguir viver como japonesa, talvez. Por isso, sinto que tanto faz.

No. 24 Enfim, foi bom ter vindo ao Brasil? Por que sim, ou por que não?

I: Acho que foi bom. (...) Apesar de [o Brasil] ter muitas coisas ruins, é um bom país para minha surpresa. (...) Há vários problemas sociais como a questão educacional. (...) Apesar de ser um país com muitos problemas [sociais], há muitos brasileiros pacíficos e tranquilos para minha surpresa. Por isso, acho que [o Brasil] é um país muito bom.

Parecia que a identidade cultural da informante era mais fixa e não-estável (cf. depoimento número.8), mas, através do depoimento número 15, é possível verificar novamente que sua identidade cultural não é fixa nem unificada, fato que a informante enunciou: “Se eu ficar no Brasil, vou viver como brasileira”. Ou seja, podemos afirmar que, no interior da informante, existe uma contradição quanto à sua posição identitária.

Apesar de ter uma forte ligação sentimental e identitária com o Japão, percebe-se que a informante tem uma boa impressão em relação ao país onde vive (cf. depoimento número 24). Parece que essa impressão positiva ajudou-a a aceitar “viver como brasileira” e a identidade cultural imposta por esta sociedade, isto é, a de ser considerada como *nikkei* e/ou *issei*.

Em outras palavras, a informante é capaz de negociar suas identidades culturais de acordo com o local onde vive, sendo bicultural de acordo com a categorização de bilingüismo individual, apresentada por Hamers e Blanc (1992). É melhor afirmar, ainda, que a informante é uma migrante intercultural mais “global”, no sentido de que pode viver em ambos os países sem dificuldades ou problemas, e a qualquer momento pode “repatriar” e “reimigrar” para o Brasil, graças à globalização.

Vale observar, ainda, que a informante mistura, de propósito, duas línguas, ao falar com *nikkeis*. Ela considera que, se misturar o japonês com o português, “a comunicação ocorre sem dificuldade”. Esse enunciado demonstra que a informante tem uma postura mais flexível e estratégica (como suas identidades culturais) em relação ao uso e à escolha das línguas, o que se pode comprovar, também, no depoimento número 23:

No. 23 Você acha que falar misturando duas línguas é bom ou ruim? Por que sim, ou por que não?

I: Pode ser uma estratégia. A estratégia quando falo com *nikkeis* é essa [misturar o japonês com o português]. (...) Parece que meu (minha) interlocutor(a) se relaxa [se abre]. (...) Por exemplo, se eu conversar com [uma] professora só em português, percebo que ela fica irritada.

Podemos afirmar, então, que a informante é bilíngüe intercultural, que não tem um único núcleo identitário fixo, razão pela qual tanto suas identidades culturais quanto a utilização e a escolha de suas línguas são flexíveis e estratégicas.

Considerações finais

Por meio desta análise¹⁵, podemos afirmar que a identidade cultural da informante é “sombreada” pelo seu Outro, isto é, os *nikkeis*, e também que a sua identidade é diferente daquela dos *nikkeis* e/ou *isseis*, daquela dos migrantes como diásporas, e até mesmo daquela dos japoneses (monolíngües) no Japão. Isso acontece porque a informante tornou-se bilíngüe intercultural resultante do deslocamento de caráter positivo (no caso dela, por causa de seu

¹⁵ Como analisamos a identidade cultural de apenas uma informante japonesa “recém-chegada”, estamos cientes de que não podemos generalizar os relatos e resultados obtidos nesta pesquisa. Sendo este estudo preliminar, é necessário, futuramente, desenvolvê-lo com mais perguntas e informantes, para que se possam compreender, de forma mais sistemática e integral, as identidades culturais dos japoneses “recém-chegados” ao Brasil.

casamento com um brasileiro), que já não possui um único núcleo identitário fixo, diferentemente dos japoneses no Japão, apesar de reter uma forte ligação identitária e sentimental (familiar) com seu lugar de origem.

Verificamos, também, que a informante vive pensando que sua residência no Brasil não é permanente, ou seja, pode ocorrer a sua “repatriação” futuramente. Em outras palavras, podemos afirmar que a informante é “japonesa não-radicalada” no Brasil, diferentemente da identidade cultural dos *nikkeis*, ou seja, dos imigrantes japoneses.

A informante afirma:

“Não viemos [para o Brasil] como imigrantes de navio durante quarenta dias como antigamente, não é mesmo? Hoje estamos na situação em que você pode viajar [para outro país] e repatriar na hora que quiser.” (depoimento no. 25, da informante)

Dentro desse contexto intercultural e global, foi possível observar, também, que as identidades culturais da informante estão em processo de formação, sendo negociadas entre a sociedade japonesa e a brasileira - inclusive a dos *nikkeis* (cf. depoimento número 15). É ininterruptamente refletido o fato de que “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2000, p. 79). Ou seja, as identidades culturais mudam ao longo do tempo, sendo negociadas no interior do sujeito e afetadas por fatores exteriores tais como a diferença cultural, étnica, histórica, econômica, política, a interculturalidade, a globalização etc.

Podemos concluir, então, que a informante está em processo de estabelecer uma nova identidade intercultural, flexível e estratégica, de acordo com a sua vivência, a qual difere tanto da identidade cultural dos japoneses monolíngües no Japão quanto da identidade cultural dos *nikkeis* e, inclusive, *isseis* que denominaram a si próprios de *koronia* (colônia). O que a informante está construindo em termos de identidade cultural é uma nova identidade peculiar no Brasil, que talvez nem os *nikkeis* no Brasil e nem os japoneses no Japão possuam, ou seja, uma terceira cultura interacional, estratégica e identitária dos “japoneses recém-chegados (*newcomers*)” no Brasil.

ANEXO (Questionário para entrevista semi-estruturada)

1. Informações básicas da informante:
Sexo; idade; escolaridade; estado civil; membro da família.
2. Qual é o seu local de nascimento?
3. Em que ano você veio (imigrou) ao Brasil? (Há quanto tempo você está no Brasil?)
4. Com que idade você chegou ao Brasil?
5. Por que razão você veio do Japão para o Brasil?
6. O que você achou do Brasil ao chegar?
7. Agora, o que você acha do Brasil?
8. Agora, você se considera como brasileira, japonesa ou *nikkei*? Por quê?
9. Você ainda possui o passaporte japonês? Obteve o visto permanente do Brasil?
10. Quais são as diferenças entre japoneses e *nikkeis*?
11. Agora, o que você acha do Japão?
12. Agora, o que você acha dos japoneses no Japão?
13. Você tem vontade de voltar para o Japão? Por que sim, ou por que não?
14. Você pretende voltar para o Japão definitivamente? Por que sim, ou por que não?
15. Entre a sociedade brasileira e a japonesa, em qual das duas você se sente melhor? Por que sim, ou por que não?
16. Você se considera como bilíngüe de japonês-português? Por que sim, ou por que não?
17. O que você acha da língua japonesa?
18. Qual é sua língua materna?
19. Dia-a-dia, em que língua você está pensando?
20. Quais línguas você utiliza em casa e fora de casa?
21. Em que ocasiões, você usa a língua japonesa?
22. Quando fala em japonês, você mistura essa língua com o português? Se sim, por que você mistura duas línguas?
23. Você acha que falar misturando duas línguas é bom ou ruim? Por que sim, ou por que não?
24. Enfim, foi bom ter vindo (imigrando) ao Brasil? Por que sim, ou por que não?
25. Outros comentários?

Referências

- AZUMA, Si. *Bilingualism*. Tóquio: Kôdansha, 2000.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BURITY, J. Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. *Trabalhos para discussão*, n. 107/2001, mar. 2001. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/tpd/107.html> Acesso em: 12 nov. 2007.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed., Bauru: EDUSC, 2002.
- DOI, E. T. Atitude de imigrantes japoneses e descendentes em relação ao japonês falado nas comunidades nikkei. In: KLEIMAN, A.B.; CAVALCANTI, M.C. (Orgs.). *Linguística Aplicada: suas faces interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p.243-254.
- _____; MORI, K.; MORALES, L. M. As línguas faladas na comunidade nikkei do Brasil. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ (CELLIP), 16., 2003, *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas (CCH), 2003. 1 CD-ROM [mhtml:file://D:\artigos\artigo_0002.mht].
- GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. *Bilinguality and bilingualism*. Reimpresso. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 (1. ed., 1989) (publicado originalmente em francês como “Bilinguisme et bilinguisme” pela editora Pierre Mardaga em Bruxelas, em 1983).
- HAUGEN, E. *The Norwegian language in america: a study in bilingual behavior*. University of Pennsylvania Press, 1953.
- IWAKI, C. Burajiru nikkei imin shakai niokeru nihongo-porutogarugo no nôryoku ishiki to shiyô ishiki (A consciência de uso e competência do japonês e português na sociedade dos imigrantes nikkeis no Brasil). *Kokubungaku: kaishaku to kanshō* (Literatura vernácula: interpretação e apreciação), Tóquio, v. 71, n. 7, p.128-136, jul. 2006.
- KANASHIRO, C. K. J. Interferência da língua japonesa na língua portuguesa falada por nipo-brasileiros: aspecto da concordância nominal. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 11., ENCONTRO DE ESTUDOS JAPONESSES, 1., 2000, Brasília. *Anais...* Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2001. p.341-352.
- _____. A interferência da língua japonesa na língua portuguesa falada por nipo-brasileiros: estudo de aspectos da concordância nominal e verbal. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 14., 2003, Assis. *Anais...* Assis, SP: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, 2003. p.211-222.

KUYAMA, M. *O uso da língua japonesa na comunidade nipo-brasileira: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes: o caso do Distrito Federal*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Letras: Língua, Literatura e Cultura Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. O empréstimo lexical do português no japonês falado pelos imigrantes: a mudança de código situacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 11., ENCONTRO DE ESTUDOS JAPONESSES, 1., 2000, Brasília. *Anais...* Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2001. p.331-340.

LACLAU, E. *New Reflections on the resolution of our time*. Londres: Verso, 1990.

LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

MAHER, T. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998 (Letramento, Educação e Sociedade), p.115-138.

_____. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p.67-94.

_____. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C (Orgs.). *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007b, p.255-270.

MASE, Y. A Língua Japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. *Estudos Japoneses*, São Paulo, vol. 7, p.137-146, 1987.

MORI, K. Burajiru no nihonjin to nihongo (kyôiku) (Os japoneses e [o ensino] da língua japonesa no Brasil). *Kokubungaku: kaishaku to kanshō* (Literatura vernácula: interpretação e apreciação), Tóquio, v. 71, n. 7, p.6-47, jul. 2006.

NAKAJIMA, K. *Baringaru kyôiku no hôhō* (Metodologia para a educação bilíngüe). 3. ed. Tóquio: Alc, 2007.

NAWA, T. *Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros, residentes em Brasília*. Brasília, 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

OTA, J.; GARDENAL, L. M. S. As línguas faladas em famílias e encontros locais nas comunidades nikkei, Aliança e Fukuhaku-mura: algumas considerações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS JAPONESSES NO BRASIL, 3., ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 16., 2005, Brasília. *Anais...* Brasília: Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2006. p.385-392.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1989.

A identidade de uma japonesa “recém-chegada” ao Brasil: um estudo de caso

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidades: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

_____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

TAKANO, Y. Tensão diglósica na aquisição de língua: um estudo de bilíngües nipo-brasiliense. Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

TOZZI, C.; MINAMI, I.; FUKUSHIMA, T. Projeto de elemento bi e tri-dimensional alusivo ao centenário da imigração japonesa no Brasil. *AUP363 Linguagens dos sistemas de comunicação visual aplicados à cidade*. 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/i_minami/aup363-2007.htm> Acesso em: 05 nov. 2007.

WIKIPÉDIA (org.). *A enciclopédia livre*. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/MP3>> Acesso em: 25 nov. 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000, p.7-72.

Recebido para publicação em 2 de julho de 2008.

Aceito para publicação em 25 de setembro de 2008.